



**Carlos Manuel Pereira** [Era uma vez um homem que vivia no Casal do Riacho](#) De entre os temas históricos relacionados com Riachos, aquele que, inevitavelmente, aparece destacado é o do Senhor Jesus dos lavradores, embora o tema do Castelo Velho possa ter mais significado para a história da região. O tema do Senhor Jesus foi quase sempre referido tendo como base a tradição oral e um conjunto de suposições que, provavelmente, não passam disso mesmo. Vamos deixar de lado as suposições que, digo eu, confundem mais do que ajudam e vamos considerar a tradição oral.

Diz a tradição que os lavradores dos Riachos acharam uma imagem de Cristo crucificado quando lavravam no Espragal, ou na quinta do Minhoto, ou para os lados do casal do Lavra. É um facto que a imagem existe e que foi associada, primeiramente, à confraria dos lavradores de Torres Novas e, posteriormente, aos lavradores dos Riachos que mantiveram o privilégio de requerer a sua saída em procissão, para além de exigirem que fosse colocada na igreja de Santiago de onde eram fregueses. Por curiosidade e para confirmar a posse da imagem, num documento de 1502 em que são arrolados os bens da confraria de Jesus “que se soía chamar dos lavradores”, o escrivão da Misericórdia deixou em 1695, junto ao item que referia uma “casa de palheiro” que a confraria tinha na vila de Torres Novas, a seguinte nota: “no ano de 1695 pagava o foro de 100 réis Manuel Fernandes Freire desta vila e por tradição antiga se tem por certo esta casa estar em ela o Bom Jesus de Sant’Iago e agora serve de cozinha ao dito foreiro”

1

Acrescenta a tradição que eles, em troca do Senhor Jesus, deram o Menino Deus. Isto sugere que “eles”, os da Misericórdia, para compensar e melhor convencer os lavradores, ofereceram por troca uma outra imagem que, dadas as suas dimensões, seria mais facilmente transportada e acomodada em casa de qualquer dos confrades. Assim a Misericórdia acrescentou mais esta oferta ao privilégio referido atrás, com o objectivo de assegurar o rendimento que a imagem do Senhor Jesus lhes proporcionaria e cuja importância veio a ser comprovada pelas manifestações de cobiça dos padres da igreja de Santiago que, durante séculos batalharam, sem sucesso, pela posse da capela, que é como quem diz, pela posse da respectiva caixa das esmolas. A capela de Jesus é referida a partir de 1560, de acordo com os registos paroquiais de Santiago, em óbitos de membros da família Mógo, certamente por ter pertencido a esta família um dos primeiros provedores da Misericórdia.

Na sequência dos restauros recentemente efectuados nas igrejas de São Pedro, Salvador e Santiago de Torres Novas, e referindo-se à imagem do Senhor Jesus, diz Vítor Serrão

2

que “Esta escultura tem características de fatura quatrocentista, ainda que desfavorecida pela cabeleira hodierna que lhe cobre a cabeça e deixa invisível a modelação dos cabelos... Talvez essa e outras excrescências, bem como os repintes, tenham levado alguns autores a julgar, erradamente, que a imagem era já setecentista...”. Polémicas à parte, os citados restauros permitiram concluir que a imagem terá sido feita nos anos de 1400. Ora no decorrer desse século, mais precisamente em 1472, D. Afonso V dá de sesmaria a Henrique de Sousa a terra da quinta do Minhoto que é descrita do seguinte modo: “... é de longo assim como vão os vales do murtal e do ramalhal até ao termo da atalaia e que será cerca de meia légua de longo e de largo dois tiros de besta a lugares mais e a lugares menos... que de uma parte partem (ou

confrontam) com terras que jazem em matos... pelo vale do minhoto até ao termo da atalaia...”  
3

. Se considerarmos que meia légua valeria naquele tempo cerca de três quilómetros e os dois tiros de besta à volta de 500 metros, podemos concluir que a dita terra se estendia desde o (campo do) Murtal até à estrada da Malã, onde existe hoje o viaduto e a rotunda da variante e onde se diz ficar a Courela do Senhor Jesus, e daí dizer-se que a imagem foi encontrada no campo do Espargal, ou na quinta do Minhoto, ou para os lados do casal do Lavra.

Embora seja impossível comprovar o lugar exacto onde a imagem foi encontrada, vamos aceitar, em princípio, a tradição oral. Vamos admitir, por hipótese, que alguém a enterrou nessas terras que estavam em matagal há décadas e que o tal Henrique de Sousa terá mandado arrotear logo após a referida doação, e que, na sequência dessa tarefa, os lavradores tenham feito o achado... E é neste ponto que se levantam as questões de mais difícil resposta...

Que imagem era esta e que uso lhe estava destinado?

Quem é que a enterrou e, considerando a época, porque razão o fez e porquê naquele sítio?

Porque é que a imagem não foi reclamada por eventuais donos?

Porque é que os lavradores não entregaram simplesmente a imagem à guarda da igreja da freguesia?

Porquê o sentimento de posse que ainda persiste nos dias de hoje?

1- □ Gonçalves, Artur. 1935. *Torres Novas Subsídios para a sua História*, p.323.

2- □ Serrão, Vítor. 2012. *As igrejas do Salvador, São Tiago e São Pedro de Torres Novas Arquitetura e Equipamentos Artísticos*, p.96.

3- Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso V, livro 29, fls. 251v-252v.